

# Lembrando dois capítulos de *Guerreiro gentil*

## *Homens de verdade permanecem lado a lado*



*“Sua amizade era, para mim, mais preciosa que o amor das mulheres!”*. Que palavras são essas? Palavras pervertidas? Torcidas? As palavras de algum desviado sexual patético? Não. Um veterano experimentado em guerras escreveu essas palavras depois que seu melhor amigo morreu em batalha. Um guerreiro escreveu essas palavras com a aflição lancinante que apenas um soldado que perdeu um companheiro de luta poderia entender.

Palavras torcidas? Não. São palavras diretas e verdadeiras — flechada veloz e pura do coração da Bíblia. Davi escreveu essas palavras depois da morte de seu amigo Jônatas nas encostas cheias de sangue do monte Gilboa. O que o filho de Jessé expressou sem acanhamento nesse lamento foi algo que, durante gerações imemoráveis, queimou fundo na alma de todo homem de uma maneira ou outra.

O desejo de ser amigo de um homem. O desejo por uma amizade sem interferências. O anseio por uma amizade tão real, tão forte que compartilha tudo sobre si mesmo e faz promessas profundas e poderosas.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um amigo.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um irmão com quem andar de braços dados.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um companheiro de alma.



## Homens precisam de amigos que sejam homens

Sim, sem dúvida, nossa esposa é nossa companheira mais íntima. Temos que estar prontos para, sem titubear, morrer por nossas esposas e por nossos filhos, e muitos de nós estamos prontos para fazer isso. Mas em meio à disposição de morrer pela família, algo em nós anseia por alguém *com* quem morrer... alguém *ao lado de quem* morrer... alguém com quem acertar o passo. Outro homem com um coração igual ao nosso.

Foi isso que Davi disse sobre o príncipe Jônatas. Todo guerreiro precisa de um companheiro. Todo piloto de avião de combate precisa do companheiro da asa. Davi expressou algo que até o Exército, com toda sua inaptidão relacional, compreende. Quando você faz algo que estica o próprio tecido da alma, como passar pelas nove semanas da escola de Ranger, no Forte Benning, Geórgia, você precisa de um companheiro. Um “companheiro Ranger”. Essas duas palavras significam muita coisa para mim. Foi meu companheiro Ranger, Lou Francis, que se agarrou em meu braço, e eu no dele, durante 63 dias de incrível trauma físico e mental. Juntos, nós atravessamos a experiência mais dura que qualquer um dos dois já enfrentara até aquele ponto de nossa vida.

Algumas podem discordar, mas eu não conheço nenhum regime de treinamento mais intenso no Exército dos Estados Unidos. Esses homens sabem esticar tendão por tendão — tendão físico e tendão emocional — dos jovens.

Lembro-me bem da última etapa, a mais intensa de nosso treinamento, chamada “Guerra Não-Convencional.” No auge do inverno, estávamos nos pântanos do oeste da Flórida. Eu jamais imaginara que a Flórida pudesse ser tão fria. Estávamos no final de uma patrulha de vários dias, e quase no fim de nós mesmos. Na maioria daqueles dias, quase não dormíamos e estávamos quase sem comida. Nossa missão específica exigia que prosseguíssemos até um conjunto específico de coordenadas anotadas no canto de nosso mapa. Infelizmente, essas coordenadas estavam do outro lado do rio Yellow.

Durante um tempo que pareceu um século, cambaleamos com água do pântano de ciprestes até os joelhos que de tão fria dava dormência. A temperatura estava abaixo de zero, e nossos corpos estavam no limite do suportável. Os tocos de ciprestes, invisíveis sob as águas negras, atacavam nossas canelas e joelhos. E, em algum lugar, ainda tínhamos o rio pela frente.

Quando finalmente chegamos ao rio, ele era praticamente indistinguível da água pela qual andáramos. Sabíamos que era o rio apenas pela correnteza rápida e pela ausência de árvores em seu leito.

Nosso alvo era um trecho de terra mais alta do outro lado. Sabíamos que não podíamos molhar a roupa, ou o frio acabaria conosco. Por isso, despimos-nos e ficamos apenas de cuecas e, conforme fomos treinados, fizemos uma



bóia com os dois ponchos e protegemos nossos rifles e mochilas. Ao entrar na água gelada, surpreendemos-nos com a força da corrente. Embora soubéssemos nadar mais ou menos bem, fomos arrastados para longe. Foi amedrontador. Buscamos em nosso íntimo uma reserva extra de força e começamos a bater pernas e braços com a força que nos restava. O esforço foi recompensado à medida que nos movemos devagar em direção ao barranco lamacento, o qual, por fim, alcançamos.

Saimos da água de gatinhas, azuis de frio, cheios de matinho da água e de limo. Estávamos tão felizes por estarmos vivos. Lembro-me que, exultantes por termos alcançado o alvo, olhamos um nos olhos do outro e, com naturalidade, nos abraçamos. Por um momento, ficamos ali no barranco gélido do Rio Yellow, dois moços pingando água, tremendo de frio, usando cueca, rindo e chorando e segurando um ao outro como se não fôssemos nos largar mais.

Imagino que mesmo que vivamos até os cem anos nenhum de nós esquecerá a camaradagem daquele momento.

Nós conseguimos. Estávamos vivos. Os dois.

Todo homem, quer admita quer não, precisa de um companheiro Ranger. Todo homem precisa de alguém com quem possa enfrentar a adversidade e a morte. Emerson escreveu: “Nós cuidamos de nossa saúde. Guardamos dinheiro. Vedamos o telhado de casa. Providenciamos roupa suficiente para nosso uso. Mas quem provê com sabedoria providencia para que não lhe falte o maior bem de todos – amigos fortes e verdadeiros”.

## **Por que homens não têm amigos homens**

Um professor da Universidade Metodista do Sul depois de estudar o assunto durante dez anos concluiu:

Dizer que homens não têm amigos íntimos parece duro demais e logo levanta objeções da maioria dos homens. Mas os dados indicam que isso não está longe da verdade. Mesmo as amizades mais íntimas (que são poucas) raramente se aproximam do grau de profundidade de revelação que uma mulher comumente tem com outras mulheres... os homens, que nem se revelam nem sustentam um ao outro, são amigos apenas no nome.<sup>1</sup>

Ah, nós *queremos* esse tipo de amizade. Todo homem, quer admita quer não, caminha por aí com um vazio no peito e sem saber se é o único que sente isso. Mas há algo em nosso íntimo que nos mantém à distância de um braço em relação aos outros homens. *O que é que conserva os homens distantes e sem amigos?*



Um dia desses, vi um homem mais ou menos da minha idade em um estacionamento lotado. Se um veterano do Vietnã pode reconhecer outro, então eu reconheci esse homem pelo que era e pelo que tinha agüentado. Senti um amor imediato por ele. Ele estava de muletas, e uma perna da calça dobrada e presa na cós com um alfinete. Naquele estacionamento movimentado, todo mundo parecia desviar os olhos desse senhor inválido. É algo que fazemos nesse tipo de situação, não é? Uma olhadela diz-nos que algo não está normal. Algo não está direito. Falta algo. No sentido físico, esse homem não estava “todo lá”.

Acho que a maioria de nós tem que admitir que no que se refere à questão de amizades abertas e vulneráveis de homem-para-homem caminhamos em uma perna só. Nós realmente não estamos “todo lá”. Falta algo. Algo vazio em nossa alma que prendemos com um alfinete. Podemos ser “reis” e “guerreiros”, mas parece que perdemos algo do lado terno. Portanto, na verdade, somos homens de uma perna só. Nós não sabemos como confraternizar.

Se a definição mais básica da palavra confraternização em inglês, “fellowship”, é dois “fellows” (companheiros) em um “ship” (navio), então não sabemos o que fazer com nós mesmos quando estamos no mar. Quando ficamos de pé na proa a olhar as profundezas escuras e misteriosas, o vento ótimo para veleiros e a noite estrelada —, o tipo de noite que pede conversa profunda e compartilhamento de alma — nós calamos ou conversamos sobre quantos quilos de carne salgada de porco são necessários para encher o barril que está no convés.

Kent Hughes, pastor do centro-oeste estado-unidense, que gosta de meditar faz esta observação a respeito da nossa cultura.

Houve um desenvolvimento interessante na arquitetura suburbana. Já se foram os dias em que todas as casas tinham grandes varandas na frente, com fácil acesso à porta de entrada, o que facilitava travar conhecimento com as pessoas da vizinhança.

Na década de 1990, a arquitetura reflete nossos valores atuais. A parte que mais se destaca na casa é a garagem para dois ou três carros. No interior da casa há enormes banheiros com clarabóias e armários, nos quais pode-se entrar, maiores que o quarto em que eu cresci. A arquitetura moderna usa salas de estar e de jantar pequenas, as cozinhas também são menores porque receber visitas e praticar hospitalidade não é mais a prioridade das pessoas. Os lares de hoje têm quintais menores e uma incidência cada vez maior de grades altas.

O velho adágio que diz que “a casa de um homem é seu castelo” é verdade hoje. O fosso do castelo é o gramado da frente, a ponte levadiça é a entrada



de carro, e a grade levadiça é a porta automática da garagem por meio da qual ele passa com heráldica eletrônica. Uma vez dentro da casa, ele tira a armadura e dedica-se à casa e à família até o amanhecer, quando ele põe sua armadura executiva e, pasta na mão, monta seu cavalo — talvez um Corcel ou um Mustang — dá a partida e parte para a guerra. As casas de hoje refletem os valores modernos de individualismo, de isolamento e de privacidade.<sup>2</sup>

*Individualismo... isolamento... privacidade.* Essas palavras são destrutivas. São dolorosas. Elas têm um som vazio, não têm? Deixam um vazio em nosso peito.

Patrick Morley, autor de *The Man in the Mirror* [*O homem no espelho*], observa com ironia que ao mesmo tempo em que a maioria dos homens consegue recrutar seis homens para carregar o caixão, “quase ninguém tem um amigo a quem possa ligar às 2:00 horas”.<sup>3</sup>

A socióloga Marion Crawford, referindo-se a um estudo recente realizado na Grã-Bretanha, declarou: “Homens e mulheres de meia-idade definem de maneira bastante diferente o que é amizade. A maioria absoluta das mulheres falaram sobre “confiança e confidencialidade”, enquanto os homens descreveram um amigo como: “Alguém com que posso sair”, ou: “Alguém cuja companhia eu aprecio muito”. A maioria das amizades masculinas gira em torno de atividades, enquanto que as de mulheres giram em torno de compartilhamento”.<sup>4</sup>

Não estamos falando em colegas de golfe. Falamos de alguém com que podemos nos relacionar de alma para alma.

Por que essas coisas são verdadeiras? Eu tenho minhas teorias. Se os homens constituem-se de aço e de veludo, a maioria de nós sente-se mais confortável com o aço. Achamos mais fácil vivenciar as funções de “provedor e protetor” que as de “mentor e amigo”. Portanto, é lógico que o lado duro domina o lado terno. Muitos de nós temos lados ternos subdesenvolvidos porque transmitiram-nos conceitos errôneos a respeito de hombridade. Não foi algo deliberado, mas errôneo. Precisamos tornarmos-nos mais ternos. O guerreiro que existe em nós quer e precisa ser forte, mas nós não admitimos fissuras em nossa armadura. Não admitimos quaisquer vulnerabilidades — *justamente o elemento essencial para a verdadeira amizade*. Ah sim, as vulnerabilidades estão lá, com certeza. Mas a maioria de nós aprendeu a escondê-las com cuidado. Alguns chamam isso de “masculinidade”. Outros, com mais acerto, rotulam isso de *desonestidade*.

A amizade exige honestidade. A amizade exige confiança. Portanto, ela também — não há como escapar disso — requer vulnerabilidade. Acho que



essa é a linha básica dessa síndrome nada-de-amigos de que nós homens padecemos. E soletrarei o que isso significa: O-R-G-U-L-H-O.

Todos nós queremos pensar em nós mesmos como algum tipo de guerreiro, como o homem. Infelizmente, apesar de amarmos John Wayne, há um lado do Duque que nunca apareceu. Tudo que víamos era seu lado aço. Nunca vimos o lado veludo a não ser por um momento fugidio no filme *She Wore a Yellow Ribbon* [Legião Invencível]. John Wayne deixou-nos a impressão de que homens de verdade ficam sozinhos. E ficam mesmo... quando é necessário. Mas, a maior parte do tempo, o único motivo que parece tornar isso “necessário” é nosso orgulho obstinado.

Homens de verdade ficam juntos. Precisamos começar a pensar assim. Homens de verdade precisam uns dos outros. Soldados de verdade amam uns ao outros.

Hal Moore e Joe Galloway transmitem de forma vigorosa esse tipo de amor no prefácio do ótimo livro que escreveram sobre a guerra do Vietnã, *We Were Soldiers Once... and Young* [Um dia fomos soldados... e jovens].

Você pensa que se trata de outra história de guerra? Não é exatamente isso, pois em seu plano mais importante esta é uma história de amor, contada em nossas palavras e em nossos atos. Fomos os filhos da década de 1950 e fomos para onde nos enviaram porque amávamos nosso país...

Fomos para a guerra porque nosso país pediu que fôssemos, porque nosso novo presidente, Lyndon B. Johnson, nos ordenou isso, mas mais importante porque achamos que era nosso dever. Esse é um tipo de amor.

Vivenciamos outro e bem mais transcendente tipo de amor, que não procuramos, nos campos de batalha, como vivencia-se em todo campo de batalha e em toda guerra de que o homem já participou. Naquele lugar deprimente, infernal, em que a morte era nossa companheira constante, descobrimos que amávamos um ao outro. Matávamos um pelo outro, morriamos um pelo outro e chorávamos pelo outro. E com o tempo, amamos como irmãos. Na batalha, nosso mundo reduziu-se ao homem a nossa esquerda e ao homem a nossa direita e ao inimigo por toda volta. Segurávamos as vidas um do outro em nossas mãos e aprendemos a compartilhar nossos medos, nossas esperanças e nossos sonhos à medida que compartilhávamos aquele pouco de coisa boa que surgia em nosso caminho.<sup>5</sup>



Sempre foi assim. Soldados de verdade ficam juntos. Foi assim no vale la Drang, de Hal Moore, em 1965, e foi assim, muito tempo antes, nas areias quentes do antigo Oriente Próximo de Alexandre. Os verdadeiros conquistadores do mundo ficam ombro a ombro. Alexandre, o Grande, era “grande”, eu suponho, porque em certa época ele possuía a maior parte das terras habitadas do planeta. Sua arma secreta era a “Falange Macedônia”, pouco mais que uma estrutura militar simples que tinha uma ordem direta: “*Nunca entre em batalha sem o homem ao seu lado*”.

A Falange Macedônia tinha uma formação que permitia que o lado fraco de um homem fosse protegido pelo seu colega. O soldado, com o escudo em sua mão esquerda e a espada na direita, quando atacava com a espada deixava seu lado direito exposto, vulnerável à lança ou espada do inimigo. Na formação Macedônia, o guerreiro tinha um homem de confiança guardando o lado em que ficava mais exposto. Embora Alexandre aparecesse séculos depois de Davi, penso que o filho de Jessé teria chamado tal companheiro de “o homem da minha mão direita”. Quero o homem da minha mão direita no lado em que estou mais vulnerável e exposto.

O dr. Charles Sell escreve: “Homens que negligenciam amizades íntimas com outros homens têm muito mais dificuldade em lidar com a crise da meia-idade. Esses homens também ficam desolados ao se aposentar porque perdem toda identidade e importância, eles ficam sem uma rede de amigos ou de apoio”.<sup>6</sup>

O homem estado-unidense raramente vivencia uma amizade íntima com homem ou com mulher. O autor Davi Smith afirma: “Os homens têm dificuldade em aceitar que precisam do companheirismo de outros homens. Ao simples convite: ‘Vamos almoçar juntos’ pode acarretar a seguinte resposta: ‘Certo, o que se passa?’”.<sup>7</sup>

Você imagina mulheres dizendo isso umas para as outras? Minha esposa liga para sua esposa e diz: “Vamos almoçar”. Sua esposa responde: “Ótimo, vou marcar na minha agenda aqui. Aonde vamos?”. Mas o homem diz ou dá a entender: “O que está acontecendo? Qual é o problema? Por que está me chamando para almoçar?”.

O dr. Smith continua: “A mensagem é clara: o homem independente não sente que precisa da companhia de outro homem. De fato, a imagem do homem independente é que ele tem poucas ou nenhuma necessidade emotiva. Portanto, os homens precisam fabricar razões não-emocionais para estar juntos...”<sup>8</sup>

A maioria de nós pensa que temos de inventar razões ou desculpas “práticas” para telefonar para outro homem. Isso é parte do mito que diz que eu tenho poucas necessidades emocionais, se é que tenho alguma. Se os homens se reúnem porque, nas palavras do dr. Smith:



Precisam discutir um contrato de negócio ou participar de algum jogo. Muitas vezes, os homens usam a bebida como desculpa para se reunir. Raramente, os homens planejam um encontro simplesmente porque têm necessidade de gozar da companhia um do outro.

Com freqüência, mesmo quando os homens estão juntos, a interação social deles começa e permanece superficial. Por quanto tempo será que conversas sobre política e esportes podem nutrir o espírito humano? Os mesmos funcionários do sexo masculino almoçam juntos por anos e anos e ainda limitam suas conversas a esportes, política, piadas sujas e comentários sobre a atração sexual de certas funcionárias do escritório ou da empresa.<sup>9</sup>

### **Disposição para ir mais fundo**

Ir além desses assuntos superficiais requer transparência. No fundo o que a transparência diz é: “Eu realmente preciso de você. Vou me arriscar e ser suficientemente honesto para dizer-lhe quem eu sou”.

Alguém indicou-me um comovente artigo de uma revista. Acho que nós, guerreiros gentis, podemos aprender algo com ele, pois se trata de relacionamentos.

A mulher que escreveu o artigo diz:

Um dia a campanha da porta tocou e lá estava meu querido irmão. Foi uma surpresa encantadora. Seu trabalho como executivo de uma companhia petrolífera internacional o conserva fora do país a maior parte do tempo, por isso suas visitas são raras, inesperadas e, em geral, realmente breves.

Parecia que ele acabara de chegar quando depois de uma hora, ele levantou para se despedir. Eu senti lágrimas escorrendo pela minha face. Ele perguntou por que eu estava chorando. Hesitante, eu disse: “Porque eu simplesmente não quero que você vá embora”. Ele olhou-me surpresa. Telefonou e deixou uma mensagem para o piloto do avião da companhia.

Tivemos 48 horas maravilhosas juntos. Mas fiquei com o sentimento recorrente de que meu egoísmo lhe causara grande inconveniência, pois disse-lhe que precisava dele.

Algum tempo mais tarde, meu irmão recebeu um prêmio importante por suas contribuições à indústria do petróleo. Na ocasião, um repórter perguntou-lhe: “Essa é a maior honra que você já recebeu?”

Ele disse: “Não, minha irmã deu-me minha maior honra no dia em que chorou porque não queria que eu fosse embora. Foi a única vez na minha